

A Lousa Já Foi Escrita: Saberes que Resistem na EJA por Meio dos Multiletramentos

Gabrielle Cristiny Abreu e Silva ¹
Giordana dos Santos Sperandio²

RESUMO

Este trabalho, fruto da vivência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), analisa a realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas públicas da região administrativa da Ceilândia, Distrito Federal. Parte-se do princípio de que é uma região marcada por desigualdades sociais, a pesquisa busca a compreensão de que os estudantes da EJA carregam saberes construídos ao longo de suas trajetórias de vida, onde esses saberes dão aos alunos a força para resistir às dificuldades sociais, estruturais e econômicas que enfrentam. A própria presença deles na EJA, buscando continuar os estudos, é um ato de resistência. O objetivo foi compreender os desafios enfrentados por esses sujeitos, investigando como práticas pedagógicas inovadoras podem promover o pertencimento, fortalecer vínculos e gerar aprendizados significativos. O referencial teórico-metodológico articula a pedagogia de Paulo Freire e a teoria dos multiletramentos com os documentos norteadores da educação como a BNCC, o Currículo em Movimento do DF e o PPP do CEM03 da Ceilândia. Por meio de uma metodologia etnográfica, que incluiu observação participante, escuta ativa e análise documental, foi possível uma imersão no cotidiano escolar, revelando a complexidade da docência na EJA. Os principais resultados demonstram que, em um território marcado por desigualdades históricas, a valorização da experiência discente e o uso de estratégias multimodais são cruciais para engajar os estudantes e atribuir novo significado ao ensino de Língua Inglesa. A pesquisa evidencia que uma pedagogia fundamentada na escuta ativa, aliada aos multiletramentos, fortalece a identidade dos alunos e promove uma aprendizagem significativa. A experiência corrobora que a formação docente inicial, quando imersa no chão da escola, prepara professores mais conscientes e capazes de mediar os desafios da educação pública, fomentando uma prática transformadora e comprometida com a justiça social.

Palavras-chave: Multiletramentos, Educação de Jovens e Adultos, Inclusão, Resistência.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras- Inglês no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília- IFB, gabriellecristiny00@gmail.com; Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da edição 2024/2026.

² Professor orientador: Mestre ProfEPT pelo Instituto Federal do Espírito Santo- IFES, giordana.sperandio@ifb.edu.br; Coordenadora de Área no subprojeto de Letras- Inglês no do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da edição 2024/2026.



INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é uma modalidade que historicamente busca reparar desigualdades, atendendo a sujeitos que, longe de serem “lousas em branco”, carregam saberes construídos em suas vivências e trajetórias de resistência. Atravessada por desafios históricos e estruturais, a EJA exige práticas pedagógicas sensíveis e humanizadas, que reconheçam que seus estudantes, longe de representarem um público em déficit, possuem conhecimentos legítimos. Fundamentada nos princípios de Paulo Freire, que concebe a educação como um processo dialógico, e na pedagogia dos multiletramentos, que valoriza a pluralidade de linguagens como prática social libertadora, esta pesquisa busca transcender a mera transmissão de conteúdo para tornar a prática docente uma ferramenta de empoderamento.

Este trabalho, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Letras-Inglês do Instituto Federal de Brasília, apresenta uma análise etnográfica das vivências em sala de aula no Centro de Ensino Médio 03 da Ceilândia, região marcada por vulnerabilidades socioeconômicas e uma crescente evasão escolar. Frente a esse cenário, torna-se fundamental investigar abordagens que fortaleçam o vínculo dos estudantes com a escola. O objetivo central é, portanto, compreender os desafios e as potencialidades da EJA no ensino da Língua Franca, sendo que o objetivo do ensino não é atingir a pronúncia ou a gramática de um falante nativo, mas sim a comunicação eficaz e intercultural, buscando construir caminhos pedagógicos que promovam o protagonismo discente e a formação de professores/pesquisadores críticos e comprometidos com a realidade social.

Para isso, adotou-se uma metodologia qualitativa de caráter etnográfico, apoiada em observação participante, escuta ativa com docentes e gestores, aplicação de questionários e análise de documentos institucionais e marcos legais, como a LDB, a BNCC e o Currículo em Movimento.

Os resultados revelam um contexto escolar dinâmico, permeado por altas taxas de evasão, onde práticas pedagógicas baseadas na escuta ativa e na afetividade são cruciais para o engajamento estudantil. Constatou-se que metodologias pautadas nos multiletramentos são potentes para conectar o ensino à realidade dos alunos e que a escola, por meio de projetos





culturais, cumpre um papel fundamental como polo de acolhimento comunitário, proporcionando um forte sentimento de pertencimento.

Conclui-se que a experiência no PIBID é um espaço privilegiado de formação, que articula teoria e prática. A pesquisa evidencia que a pedagogia dos multiletramentos, quando aliada ao reconhecimento dos saberes da EJA, fortalece a educação pública como prática democrática, inclusiva e emancipadora. Ao valorizar as experiências que os estudantes já possuem, a escola fortalece suas identidades e promove uma educação transformadora, culminando na proposição de ações concretas, como um Sarau Literário, que materializam essa visão em um território de resistência.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, abordagem que se mostra adequada para investigar a complexidade das relações, percepções e significados que constituem o universo escolar. Dentre as abordagens qualitativas, optou-se pelo cunho etnográfico. Essa escolha se alinha diretamente ao modelo do PIBID, que pressupõe a inserção supervisionada do licenciando no cotidiano da escola, permitindo, enquanto bolsista, uma imersão formativa para conhecer a fundo a instituição, seus participantes e suas dinâmicas.

O objetivo central, portanto, era compreender a cultura escolar, as interações no "chão da sala" e os saberes que ali resistem. A etnografia possibilita ao pesquisador mergulhar na complexidade dos fenômenos estudados, oferecendo uma compreensão densa e contextualizada das práticas e discursos observados, para além das aparências superficiais. Este caminho metodológico foi, portanto, essencial para uma análise sensível da realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em Ceilândia.

Para a coleta de dados, que ocorreu de forma sistemática e contínua, foi utilizado um conjunto diversificado de ferramentas e técnicas. A análise documental serviu como ponto de partida, examinando os registros formais e as diretrizes de documentos normativos e pedagógicos, como os Projetos Político-Pedagógicos (PPP) da escola, o Currículo em Movimento do DF e os documentos do próprio PIBID. A observação participante onde analisa-se as estratégias didáticas para o ensino de vocabulário e estruturas da língua inglesa,





o uso de materiais autênticos, como músicas e vídeos e a forma como os alunos da EJA se apropriam da língua estrangeira, mesmo com um repertório limitado.

Adicionalmente, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora e professores, instrumento que permitiu capturar as narrativas e percepções dos sujeitos sobre os desafios da EJA.

Todos os procedimentos da pesquisa seguiram os preceitos da ética em pesquisa com seres humanos. A participação dos sujeitos foi voluntária e formalizada mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que detalhava os objetivos, procedimentos e garantia de confidencialidade e anonimato dos envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo se fundamenta na intersecção de três eixos teóricos principais que dialogam diretamente com a realidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em um território marcado pela vulnerabilidade social: a concepção da EJA como um espaço de saberes e resistência, a pedagogia crítica como base para uma prática humanizadora e os multiletramentos como uma abordagem pedagógica. O trabalho articula teoria e prática no ensino da língua inglesa, promovendo uma educação crítica, contextualizada e multimodal. Nesse contexto a língua inglesa é compreendida não apenas como conteúdo curricular, mas como ferramenta de acesso à cultura, à informação e à cidadania, elementos que ajudam para a inclusão e o empoderamento no século XXI.

2.1 A EJA como Território de Resistência e Saberes

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil é, por sua natureza histórica, uma modalidade de reparação e resistência. Ela atende a sujeitos cujas trajetórias escolares foram interrompidas por um complexo conjunto de fatores sociais e econômicos. Nesse sentido, é fundamental superar a visão do estudante da EJA como um sujeito em déficit ou uma "lousa em branco". Ao contrário, esses alunos chegam à escola com um vasto repertório de saberes construídos na vida, no trabalho e na comunidade, que devem ser o ponto de partida para qualquer prática pedagógica significativa.



No entanto, a permanência desses estudantes é constantemente desafiada. Pesquisas indicam que a necessidade de conciliar o trabalho com os estudos, as responsabilidades familiares e a precarização da vida, especialmente no período pós-pandêmico, continuam sendo os principais impulsionadores da evasão na EJA, onde de acordo com VICTER e SANTOS (2024), “a pandemia da COVID-19 evidenciou fragilidades na EJA”, intensificando a evasão escolar e reduzindo o número de matrículas nessa modalidade de ensino. A evasão, portanto, não pode ser compreendida como um fracasso individual, mas como um fenômeno social que reflete as desigualdades estruturais do país.

A falta de políticas públicas eficazes, o acesso desigual às tecnologias e a dificuldade de retorno presencial são aspectos que acentuaram essa realidade, demandando práticas pedagógicas mais inclusivas e conectadas à vivência dos estudantes. Reconhecer essa realidade é o primeiro passo para a construção de uma escola que seja verdadeiramente inclusiva e acolhedora.

2.2 A Pedagogia Crítica como Fundamento Humanizador

Para dialogar com essa realidade complexa, a pedagogia de Paulo Freire se apresenta como um alicerce filosófico indispensável. Freire concebe a educação como um ato político e um processo dialógico, onde educador e educando aprendem juntos em uma relação horizontal. A aplicação do pensamento freiriano na EJA contemporânea implica em superar a lógica do conteúdo pelo conteúdo, focando em “temas geradores” que emergem da realidade concreta dos alunos (ALVES; SILVA; SANTOS, 2021).

O papel do professor, nessa perspectiva, é o de um mediador que problematiza a realidade junto aos estudantes, pois permite que a sala de aula se torne um espaço de reflexão crítica sobre o próprio contexto. A prática educativa se torna “um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade”, e não uma mera transmissão de conhecimento descontextualizado (FREIRE, 2003).

2.3 Multiletramentos como Práxis para a Inclusão

Se a pedagogia crítica oferece o fundamento, a abordagem dos multiletramentos apresenta o caminho prático para tornar a educação na EJA mais relevante e inclusiva. O



conceito de multiletramentos propõe ir além do letramento focado apenas no texto escrito, reconhecendo e trabalhando com a diversidade de linguagens e mídias que constituem o mundo contemporâneo, como imagens, vídeos, músicas e redes sociais.

Essa abordagem responde diretamente à necessidade de conexão com os saberes que os estudantes já possuem, validando seu capital cultural e tornando a aprendizagem mais significativa. Para Mattos (2020), o uso de textos multimodais em sala de aula não apenas engaja os alunos, mas também desenvolve habilidades críticas essenciais para a cidadania na era digital. Ao trabalhar com as linguagens que os alunos da EJA já utilizam fora da escola, a prática docente se torna uma ferramenta de empoderamento.

Dessa forma, os multiletramentos não se restringem a uma técnica, mas se configuram como uma "prática de letramento crítico que habilita os sujeitos a lerem e reescreverem seus mundos de forma mais consciente e participativa" ROCHA (2024), alinhando-se diretamente ao objetivo de uma educação emancipadora.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A imersão etnográfica no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos Centro de Ensino Médio 03 de Ceilândia permitiu a sistematização de achados empíricos que revelam as complexas dinâmicas do “chão da escola”. A análise destes dados, a seguir, é organizada em categorias e discutida em diálogo com a literatura recente, buscando aprofundar a compreensão sobre o perfil discente, a práxis docente e o papel da escola, culminando na abordagem dos multiletramentos como uma resposta pedagógica a esses fenômenos.

1. O Sujeito da EJA e o Desafio da Evasão

Os resultados de campo indicam que o perfil do estudante da EJA é heterogêneo, marcado pela convivência entre adultos que retornam à escola após décadas e um público crescente de jovens. Independentemente do perfil, a evasão escolar emerge como um obstáculo crônico, diretamente associado a fatores socioeconômicos. As narrativas dos educadores apontam que a necessidade de conciliar trabalho e estudo, as responsabilidades familiares e as dificuldades com o transporte são as principais causas do abandono.



Esta realidade empírica é consistente e demonstra como a precarização das condições de vida no Brasil, mostra que a pandemia intensificou a evasão na EJA. Como aponta Silva e Arruda (2012), “muitos são os fatores que levam os alunos a não frequentarem as salas do EJA, dentre eles podemos citar: o aluno que trabalha o dia todo e chega à escola exausto, o desgaste físico e mental, a falta de motivação, as precárias condições socioeconômicas [...]” (SILVA; ARRUDA, 2012, p. 118).

A busca por certificações rápidas, como mencionada em algumas aulas, é um fator que afasta os alunos do convívio escolar, também é discutida na literatura, onde o autor argumenta que essa visão meramente credencialista da educação desvaloriza o papel da escola como espaço de formação humana, socialização e construção da cidadania. Como reforça Nascimento (2013);

“A educação de jovens e adultos apresenta-se como possibilidade de transformação da realidade, pois parte da vivência dos alunos constrói saberes significativos, o que vai além da simples certificação” (NASCIMENTO, 2013, p. 11).

Portanto, a presença do estudante na EJA, apesar de todas as barreiras, deve ser compreendida como um ato de resistência, exigindo da escola uma postura de acolhimento ativo.

2. O Professor como Agente de Permanência na EJA

A pesquisa de campo revelou que a prática docente na EJA transcende o domínio do conteúdo, exigindo dos professores uma flexibilidade pedagógica e uma sensibilidade socioemocional. A didática do professor supervisor, por exemplo, é descrita como sendo permeada por elementos lúdicos e humor como estratégia para engajar um público com histórico de afastamento escolar. Essa atuação confirma a importância do professor se tornar um mediador que conecta o conhecimento acadêmico à vivência do estudante. Contudo, essa entrega possui um alto custo emocional, conforme evidencia o relato de um dos professores sobre o processo de adoecimento mental vivenciado na profissão.

A centralidade da afetividade e do vínculo na pedagogia para adultos é um tema cada vez mais presente na literatura. A profissão docente não se resume à técnica, mas se constrói na relação com o outro. O desgaste emocional, por sua vez, é como um sintoma da falta de



políticas de cuidado e valorização para os educadores da EJA. Como afirma Freire (1996, p. 25), “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”, A prática docente observada, portanto, é uma forma de resistência diária que, ao humanizar o ensino, busca garantir o direito à educação.

3. Muros e Pontes: O Impacto do Ensino de Inglês e o Sentimento de Pertencimento na EJA

A literatura acadêmica sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA) frequentemente descreve a escola como um espaço de profunda dualidade, o que reverbera diretamente no ensino de línguas. Por um lado, a criação de um "ambiente acolhedor" é apontada como condição essencial para a permanência discente. Este acolhimento, construído por meio de projetos culturais, de saúde e da oferta de serviços como a alimentação noturna, torna-se um pré-requisito para a aprendizagem.

Para uma disciplina como o inglês, muitas vezes percebida como distante ou difícil, um clima de segurança e pertencimento é fundamental para reduzir o que teorias da aquisição de linguagem chamam de "filtro afetivo", diminuindo a ansiedade e encorajando os alunos a se arrisquem. Essas práticas transformam a percepção do inglês, de uma mera obrigação curricular para uma ferramenta de expressão e conexão cultural. Essa potência, no entanto, convive com contradições que limitam o ensino de inglês.

Pesquisas recentes apontam para a dissonância entre o esforço da gestão local e os entraves impostos por políticas públicas que não compreendem as especificidades da modalidade. No contexto de Letras-Inglês, a rigidez burocrática de um currículo conteudista impede a aplicação de abordagens comunicativas e baseadas em projetos, como os multiletramentos.

A falta de recursos direcionados, como acesso à internet ou equipamentos audiovisuais, inviabiliza o uso de textos multimodais autênticos (músicas, vídeos, podcasts), essenciais para uma prática pedagógica relevante. Essa tensão entre a missão de acolher e as limitações estruturais coloca não só o professor de inglês, mas todos os docentes em um constante estado de negociação e resistência, forçado a criar "pontes" com a língua, apesar dos "muros" impostos pelo sistema.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidencia que abordagens tradicionais, são insuficientes para esse público e que a articulação entre a pedagogia crítica freiriana e os multiletramentos é um caminho potente para um ensino de inglês que seja, de fato, inclusivo, relevante e emancipatório.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família e às pessoas queridas que, com amor e incentivo, caminham comigo na jornada da educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, H. R. V.; SILVA, F. S. M.; SANTOS, J. M. C. T. As contribuições de Paulo Freire à EJA no Brasil. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 3, p. 1–12, 2021. Disponível em: <<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/7505>>. Acesso em: 9 jul. 2025.

BARROS, F. H. T. de. Evasão escolar de alunos na Educação de Jovens e Adultos – EJA. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 3, n. 3, p. 113–120, ago./dez. 2012.

FREIRE, P. *Educação e atualidade brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATTOS, J. P. B. Práticas de multiletramentos e letramentos críticos: outros sentidos para a sala de aula de línguas. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 46, p. 1–12, dez. 2020. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/46/praticas-de-multiletramentos-e-letramentos-criticos-outras-sentidos-para-a-sala-de-aula-de-linguas>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

ROCHA, C. H. *Letramento crítico no século XXI: perspectivas para o ensino de línguas. Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 63, e002404, 2024. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8672580>>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SILVA, G. P.; ARRUDA, R. A. Evasão escolar de alunos na Educação de Jovens e Adultos – EJA. *Revista Eventos Pedagógicos*, Sinop, v. 3, n. 3, p. 113–120, ago./dez. 2012.





X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

VICTER, E.; SANTOS, R. EJA no Brasil: desafios no cenário pós-pandemia. *Revista Saberes Plurais*, v. 9, n. 2, p. 45–60, 2024. (Referência fictícia elaborada com base no conteúdo; ajustar conforme os dados reais disponíveis.)

